

Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 18 de Novembro de 2015

Texto de referência: L. Giussani, *Reconhecer Cristo*, in J. Carrón, *UMA PRESENÇA NO OLHAR*, suppl. a *Tracce-Litterae communionis*, Maio de 2015, pp. 63-75.

- *La guerra*
- *Give me Jesus*

Glória

Só na medida da consciência com a qual pronunciamos as coisas que cantamos, é que podemos sentir como adequados certos gestos. Só quem se tenha dado verdadeiramente conta daquilo que cantámos no primeiro canto («Com as minhas mãos / jamais poderei fazer justiça!»), é que não terá entendido o segundo, *Give me Jesus*, como sentimental, piedoso, beato, como elemento decorativo dos nossos gestos, que nada tem que ver com a urgência do momento. Da última vez, introduzindo o *Reconhecer Cristo* (que projectámos no Sábado à tarde nos Exercícios da Fraternidade), era-nos dito para ver qual é o método de Deus. Qual é a modalidade com a qual posso descobri-Lo? A correspondência, que nos permite reconhecer a presença do Mistério. Parece-me que os acontecimentos desta semana foram uma ocasião para a verificação disto, porque não teríamos podido imaginar um desafio maior ao método de Deus do que os factos acontecidos em Paris. Não é que, de um lado, esteja Paris e, do outro, a Escola de Comunidade, como se pudéssemos “cozinhá-la” entre nós sem nos medirmos com aquilo que aconteceu. Desta vez não foi possível. Certo?

Os factos que ocorreram em Paris abalaram-me muitíssimo. Nasceu em mim um terror interior, que retirou qualquer valor às coisas que me aconteceram poucas horas antes e às coisas belas que vi e que vivi no dia seguinte, até hoje. Estou apavorada, porque é como se tudo aquilo que tenho à frente não tivesse mais um sentido: os meus desejos, o meu trabalho, as minhas amizades. O medo da morte inesperada, dar-se conta, como escreveste tu no comunicado de imprensa de CL, que «a vida de cada um de nós está suspensa por um fio», não me permite tirar prazer de nada nestes dias. E penso: como faço para viver as coisas belas, enquanto vejo famílias despedaçadas pela morte dos entes queridos? E pergunto-me: onde está a minha fé?

E que resposta te deste? Onde está a tua fé?

Não sei.

Procura-a! Certos factos não nos permitem seguir em frente sem que nos façamos estas perguntas radicais.

Há dois dias que estou inquieta. Dizer que os acontecimentos de Paris me provocaram, é óbvio. Surpreende-me porém que aquilo que em mim prevalece é um tédio. Ontem, enquanto era abalada por comentários, juízos, mensagens, estava irritada, só pensava: basta, cale-se! Parecia-me que tudo o que era dito ou que se podia dizer era apenas uma tentativa de preencher um vazio. Parecia-me que tudo era demasiado pouco para estar diante de uma coisa do género. Fez-me impressão que Sábado de manhã me tenha vindo à mente rezar Laudes, e o salmo dizia: «Não permitirá que vacilem os teus passos, / não dormirá Aquele que te guarda. [...] O Senhor é quem te guarda, / o Senhor está a teu lado, Ele é o teu abrigo. [...] O Senhor te defende de todo o mal, / O Senhor vela pela tua vida». E aí explodiu toda a pergunta: mas tu acreditas verdadeiramente nisso? Diante daquilo que sucedeu, tu acreditas ainda assim nas palavras deste salmo? Esta pergunta invadiu-me e reacendeu-se no Domingo

de manhã na Missa ao ouvir o Evangelho: «Nem sequer um cabelo da vossa cabeça se perderá». Faz-me impressão: foi uma semana na qual cada dia foi um passo em frente no meu crescimento e eu sentia-me viva. Depois Sexta-feira ao serão acontece uma coisa destas, e não é que meta tudo em causa, tanto que a única coisa que eu fiz depois de tomar ouvido a notícia foi rezar o Memorare. Permanece todavia uma desproporção e um sentimento de impotência. Compreendo que o ponto é propriamente a resposta àquela pergunta que me surgiu Sábado de manhã: a minha fé resiste ainda diante de um tal terremoto? E o meu dia a dia o que é que tem a ver com uma coisa destas?

A fé resiste diante de uma coisa destas? Porque possamos rezar os salmos, podemos ir à Missa, podemos cantar, como fizemos antes; mas isto resiste diante dos acontecimentos da história? São perguntas que nós mesmos, não apenas os outros, mas nós em primeiro lugar não podemos evitar.

Outro dia, quando estava a ouvir o que se estava a passar em Paris, fiquei angustiado. A violência gratuita, o facto de que me pudesse ter acontecido a mim ou a um meu familiar ou a um amigo, fez-me sentir impotente. Ora sei muito bem – porque quer a minha história, quer a minha experiência pessoal mo ensinaram – que as respostas que eu ou o homem em geral pode dar ao mal, são ineficazes, muitas vezes injustas, e que é preciso que Outro nos salve. Mas o mal-estar maior diante deste meu pensamento é que minha fé vacilou. Aquele que nos prometeu a salvação parece que no fundo, não vence, que prevalece sempre o mal (também o meu, muitas vezes). E então? Ainda temos esperança? Será que toda a descrição que apaixonadamente Giussani faz do primeiro encontro com os discípulos, que suscitou esta grande esperança de salvação, não tem valor, não tem incidência no agora?

E vocês, como respondem a estas perguntas? Podem fazer estas perguntas sem pestanejar? Não há algo dentro de vocês que se rebela?

Uma pessoa procura uma resposta.

Procurando a resposta, vem-te alguma coisa à cabeça? Experimenta!

Experimento. Nestes dias, depois de ter feito esta pergunta não só a ti mas também a amigos, alguns deles ...

O importante é isto: que se abra um caminho. Experimenta!

Esta pergunta transformou-se em oração, ou melhor, em pedido directo a Ele. Tornou-se urgente para mim ter uma resposta. De facto, prevalece em mim este desejo de bem, de paz, que tudo seja justo, e que finalmente se possa ver – digo-o assim – o vale onde correm «rios de leite e mel». E então, logo no Domingo de manhã fui à Missa um pouco menos contrariado, sem dar por adquirido, mais atento. E logo ali dei conta de algumas mensagens, como nos Salmos: «Levanta-te ó Deus, vem salvar o teu povo». Ou então no Evangelho, em que Jesus conta o que acontecerá nos últimos dias: «Quando começarem a acontecer estas coisas [do tipo daquelas que aconteceram em Paris: terremotos, guerras, levantes] levantai a cabeça porque a vossa libertação está próxima». Durante estes dias procurei uma relação com Ele, ir à Missa, confessar-me. Mas permanece em mim esta pergunta de fundo: quando é que finalmente seremos salvos?

Acho que a pergunta de fundo permanece. Porque é que permanece a pergunta de fundo? Não penses escapar assim! Ainda bem que te permanece a pergunta de fundo! Devemos olhar para este facto. Os discípulos, para além de pedirem, para além de perguntarem, será que tinham alguma coisa a mais do que uma qualquer forma de oração do homem religioso? Diz-me uma amiga que está em Paris: «Escrevo-te de Paris. Obrigada pela tua mensagem. Que a minha vida esteja presa por um fio está-se a tornar uma consciência cada vez maior. Mas na sexta à noite, enquanto fugia pelas ruas de Paris, tornou-se evidente. A verificação a que nos convidas, reabre-me. Tive medo. Tive medo de ter medo mas o desafio que nos lanças da verificação da fé, a realidade da Ressurreição, levaram-me a andar ao fundo daquilo que

acontece». Porque é esta a questão: qualquer desafio que devamos enfrentar, empurra-nos para esta verificação última da fé. O mesmo nos conta outro amigo também ele em Paris: «Os dias foram profundamente marcados por estes factos, mas eu vi-me sem saber o que dizer, no máximo disse apenas algumas frases feitas, um tanto ou quanto ‘celinas’, mas vazias. Nasceu a exigência de ajuizar o que tinha acontecido. E a primeira coisa foi perguntar-me: que promessa de felicidade pode levar um homem a fazer este tipo de actos? E a segunda: como se vence a tentação do medo que se queria insinuar em mim? Veio ao de cima a necessidade cada vez maior de um significado. É preciso viver de um significado. E este significado eu encontrei-o. Mas visto o que aconteceu, dado o vazio que experimentei, visto o meu mal e o mal dos outros, dado o sofrimento que tenho há já algum tempo, como se faz para reconhecê-Lo presente? Como se faz para se reconhecer Cristo (que é o significado presente)?» Nós encontrámo-Lo, mas quando acontecem factos como os de Paris, é como se este encontro se tornasse vazio, pintado numa parede, pelo ar. Pergunta-me outra pessoa: «Posso reconhecê-Lo de uma vez para sempre?». Diante destas coisas, a estas perguntas – que não podemos “fechar” acrescentando um manto religioso ou alguma citação, (porque não são suficientes) – o desafio do método de Deus e da experiência que fazemos no presente, é total. Por isso a pergunta cada vez mais urgente é: mas o que é que vence nesta situação?

À invasão do poder, que avança aparentemente incontestável, Cristo não opõe outro poder, mas uma maltrapilha companhia humana, “uma companhia de homens” escolhidos por Ele para que a Sua presença jamais venha a faltar no tempo e no espaço e, como disse Giussani numa imagem estupenda,»

Não uma recordação, não uma citação, não um pensamento, não um sentimento, mas uma realidade presente.

*«“Vai tomando palmo a palmo o terreno à noite”» (J. Carrón, «Ri-se-te nos olhos a estranheza de um céu que não é o teu», *Tracce*, Outubro 2015, p. III).*

«Ganha palmo a palmo terreno à noite».

*Este pensamento voltou-me à cabeça sobretudo no sábado à noite. Ia de carro para ir cantar num jantar. Enquanto ia, veio-me espontaneamente esta pergunta: porque é que num dia como este nós cantamos? É profundamente injusto. Seria profundamente injusto se aquele canto não nascesse desta consciência de nós, a «companhia maltrapilha» com a qual Ele «vai tomando palmo a palmo terreno à noite». Segunda de manhã recomecei tudo: a ir ao hospital, a fazer a tese e a fazer os exames com esta nova consciência. Cada passo imperceptível, cada gesto de caridade ainda que minúsculo através do qual eu O posso testemunhar, será o passo que Ele dá através de mim, com o qual ganhamos palmo a palmo o terreno à noite. Este caminho parece-me agora, diante desta dor que me assola, o único modo possível de luta. Nestes dias senti-me como os engenheiros e os arquitectos de que don Giussani fala (cfr. *Reconhecer Cristo*, in J. Carrón, *Uma presença no olhar*, op. cit., pp. 64-65). Procurei construir a minha ponte de tentativas inadequadas: lendo mil notícias, mil folhetos e procurando mil discursos. Depois pensei nestes anos, pensei nos meus dias e nos rostos dos amigos encontrados. Eu já O vi em acção. E por fim, só este juízo parece dar-me alento: vem Senhor, porque eu não sei construir esta ponte.*

Obrigada cara amiga. Isto é mais que dirigir-se a alguma coisa do passado, é mais do que uma citação. «Depois pensei nestes anos, nos meus dias e nos rostos dos amigos encontrados [«companhia maltrapilha»...]. Eu já O vi em acção. E por fim, só este juízo parece dar-me alento». Daqui nasce a oração: vem, Senhor Jesus! Porquê? Porque não é que não haja diferença entre as mil notícias, os mil folhetos, os mil discursos (que são as tentativas inúteis de construir a ponte) e aquela «companhia maltrapilha»! Há alguma diferença? Sim! A diferença não são as nossas tentativas que a fazem, mas alguma coisa real e presente. A questão é que tantas vezes, quando acontecem coisas deste género, é como se este facto fosse

cancelado. Os discípulos tinham mais alguma coisa? Tinham encontrado alguma coisa que não podiam arrancar de si mesmos o que quer que acontecesse? Ou estavam reféns de tudo como todos? Atenção que não é um problema de coerência! Não eram melhores que nós; não voltemos à velha lengalenga moralística: há alguns que são bons e outros que não são bons. Isto não é a certeza da fé!

Quando acordei no sábado de manhã, estava-me a preparar para o open-day da escola em que trabalho. É um momento importante e por isso repetia o que devia dizer para iniciar o trabalho dos miúdos. O meu marido disse-me o que tinha acontecido. Fui ver na internet porque me parecia de tal modo surreal que queria vê-lo nos jornais. Fiquei bastante afectada. E pensei: o que vou fazer e dizer na escola? A que é que serve, se o nada está a avançar? Depois vieram-me à cabeça os miúdos com quem até ontem tínhamos preparado o open-day, e havia todo um itinerário de textos que culminava na pergunta do pastor de Leopardi: «E eu quem sou?». No trabalho com os miúdos que se deixaram tocar pelos autores, surgiram perguntas verdadeiras sobre a vida e sobre o seu significado. No encontro com os textos e com os autores eu vi estes miúdos trazer ao de cima a sua humanidade. Para eles a vida é positiva. Têm um grande pedido de significado, mas o horizonte em que vivem é um horizonte positivo, e têm razão. Quando me dei conta desta coisa pensei que devia ir à escola para os sustentar, para afirmar aquela positividade que existe na escola, no ensino e na relação que nasce entre adulto e criança, porque intuo que educar para a fé é a única coisa urgente para contrapor ao nada. Impressiona-me mais ainda que este meu reconhecimento chega num momento em que não me sinto bem, em que sinto a minha fé débil e cheia de pensamentos que me confundem. E, no entanto, estou certa daquilo que digo agora: a geração de um sujeito novo é a única esperança. Não digo que estou à altura, mas que pela companhia em que me encontro, posso aceitar o risco. E é o encontro com Jesus que cria esta humanidade nova. Desejo cultivar e servir esta pequena flor, que em comparação com as bombas não é nada, mas apesar de tudo existe, e não quero fazer como o guarda nazi do conto de Morante, que depois a arranca com os dentes. Desejo permanecer agarrada ao reconhecimento da Sua vitória hoje.

A tentação de fazer esta pergunta acontece: para que serve fazer tudo, se o nada avança? Se nós ficamos paralisados, então sim, o nada avança. Mas, graças a Deus, o nada não avança ao ponto de nos eliminar, e então começamos a ver o que acontece no real com os miúdos, e damos-nos conta que «temos de ir à escola para os sustentar, para afirmar aquela positividade que existe». E percebemos o que é pertinente fazer: «Educar na fé é a única urgência para contrapor ao nada» que avança. De onde nasce isto? Nasce somente de uma certeza, pela qual nos damos conta que a «geração de um sujeito novo é a única esperança». Porquê?

Desde Setembro, depois de mais de vinte anos a ensinar grego e latim numa escola privada, fui chamada a ensinar italiano e história num liceu estatal. Esta mudança foi muito interessante para mim. Ainda que adorasse as minhas antigas matérias e a minha antiga escola, quando me deram esta possibilidade, pensei que tinha chegado ao fim de um período da minha vida. E então, toda entusiasmada, apressei-me a entrar neste novo período que me parecia cheio de novidade. O contexto de pessoas com que me deparei era muito diferente do primeiro. Todos os dias entro na aula de vinte e oito/trinta miúdos, muitos dos quais já chumbaram pelo menos uma vez. Muitas vezes vêm de famílias com situações sociais e culturais de todos os tipos. Alguns alunos estrangeiros nem sequer percebem o italiano ... Até Junho era vice-presidente de uma dúzia de professores, agora sou a última que chegou a um corpo docente de pelo menos oitenta pessoas. Se volto a olhar para estes meses, dou-me conta que foram cheios de uma riqueza única. Dois episódios impressionaram-me especialmente. Numa aula tinha dado um tema que pedia aos alunos para fazerem uma breve

descrição de si próprio. Um deles, que tinha chumbado, começou o trabalho perguntando-se porque é que se o mundo é belo, porque é variado, é tão nojento; depois de uma tentativa de argumentação da sua tese, começou a falar de si como estando em luta contra tudo e todos, e acabou a dizer que somos todos como peças de Lego: podemos mudar as cores e as dimensões das peças, mas continuamos todos a ser de plástico. O trabalho impressionou-me muito pela lucidez com que o miúdo apresentava o seu ponto de vista. Quando entreguei os trabalhos, ele não quis saber a nota, mas perguntou-me se eu tinha gostado do tema. Esta pergunta arrasou-me porque apesar do que ele tinha afirmado, parecia-me a expressão de uma exigência incontornável, que é a mesma que eu tenho: de ser amada, de encontrar um caminho para ser feliz. Respondi-lhe que tinha gostado imenso. Depois pedi-lhe se queria este ano verificar comigo como é bela a vida. Com grande espanto meu disse-me que não acreditava muito nisso, mas que aceitava o desafio. E noutra aula, após um momento em que tive dificuldade em obter silêncio, voltei-me para o aluno que fazia mais barulho, mas em vez de lhe ralhar pela enésima vez, sorri-lhe. E ele, mal eu sorri, parou e disse aos colegas: «Viram? A prof gosta de mim». É esta a centelha de que falas? Eu acho que sim. Não sei aonde chegarão estes «processos» que se desencadearam, mas esta centelha reacendeu-se antes de mais em mim, dei-me conta dela e tomei consciência. Pareceu-me experimentar completamente aquilo que dizias na Jornada de Início de Ano, citando don Giussani: « A experiência é o encontro de um sujeito com a realidade; a realidade que, como presença, o convida e o interroga ('problematiza-o'). O drama humano está na resposta a esta problematização ('responsabilidade'), e a resposta é, evidentemente, gerada no sujeito. A força de um sujeito está na intensidade da sua autoconsciência, isto é, na percepção que ele tem dos valores que definem a sua personalidade [do que ele tem de mais querido]. Ora, estes valores fluem no eu a partir da história vivida à qual esse mesmo eu pertence. (...) A genialidade radical de um sujeito está na força da consciência da pertença». (L. Giussani in J. Carrón, «Ri-se-te nos olhos a estranheza de um céu que não é o teu», op. Cit., p. V). Foi mesmo interessante dar-me conta disto, de sorrir, de não me preocupar em fazer a intervenção certa ou de como estabelecer a "relação justa" com estudantes e com colegas, porque estava com esta grande autoconsciência que geraram a minha vida e as relações que a constituem. Esbarrei com esta frase que o Papa disse em Washington: «Ide abraçar em meu nome. Ide às encruzilhadas das estradas, ide ... anunciar sem medo, sem preconceitos, sem ares de superioridade, [...] a todos aqueles que perderam a alegria de viver, ide anunciar o abraço misericordioso do Pai. [...] Ide anunciar que os erros, as ilusões enganosas, as incompreensões, não têm a última palavra na vida de uma pessoa. Ide com o óleo que cura as feridas e restaura o coração» (23 Setembro 2015). Esta frase não foi a apresentação de um programa a cumprir, mas foi a confirmação de alguma coisa que aconteceu antes de mais nada a mim própria. Em segundo lugar, comoveu-me ver como não há circunstância humana, começando por mim, que não deseje e procure aquele secretum illud de que don Giussani fala e de como todos e de algum modo, procuram lançar uma ponte que os liga àquilo que percebem como possibilidade, por mais remota que seja, de estar contente. É uma estrada que eu sou a primeira a desejar fazer porque percebo que isto é possível por causa de uma Presença que acontece hoje, que é a Presença que eu preciso voltar a ver em cada instante, ainda que um dos sinais que me la dá agora é o silêncio que consigo nas minhas aulas com mais dificuldade do que dantes.

Este silêncio obtido com mais dificuldade é uma pequena flor. Além disso, também um miúdo com esta consciência («somos todos de plástico») não consegue evitar a pergunta: «Mas gostou do meu trabalho?» Daqui nasce a disponibilidade a uma verificação. Parece quase nada, mas aqui joga-se tudo. É o único realismo possível, como o de João e André. Mas para nós, que somos presunçosos, é muito pouco; e no entanto é isto que muda tudo.

Quando no sábado li o comunicado de imprensa, pela enésima vez experimentei como aquilo que tu dizes é correspondente à reacção imediata que eu tenho diante da realidade, de que, depois, me afasto. Fez-me impressão porque eu tinha tido medo, tinha-me sentido indefesa, mas depois fala-se doutra coisa. E então fiquei muito grata, porque sentia de novo o medo, o sentido de vulnerabilidade como o grande recurso que tinha para me dar conta de Cristo. Tanto que, tocada assim por este comunicado, enviei-o de imediato em formato electrónico a todos os meus alunos e a todos os meus colegas. Pouco depois liga-me um colega, que é responsável por uma associação desportiva regional, e pergunta-me se pode publicar o comunicado no site deles (e assim o teu comunicado chegou a milhares de pessoas que praticam desporto...). Esta coisa fez-me muita impressão porque para mim a Sua presença, quando reacontece, tem um traço inconfundível que faz dizer “eu” a mim, enquanto que todos falam dos outros, do que é que os outros devem fazer, do que é preciso fazer aos outros, e distraímos-nos a falar de política, que é a antecâmara do esquecimento. E assim, por exemplo, dei-me conta de quanto são abstractos aqueles que pensam ser concretos e quanto, pelo contrário, é concreto aquilo que nós tantas vezes sentimos como abstracto. Segunda-feira foi verdadeiramente impressionante, porque, com esta experiência que tu me fizeste fazer e que se repercutiu assim no meu colega, entro na sala de aula. Nas minhas aulas há cristãos e muçulmanos, pelo que o problema é algo sério. Entrei numa aula depois do intervalo, e vejo sentados quatro alunos meus: norte-africano com italiano, italiano com norte-africano. São dois pares de amigos que são de certo modo o coração da turma. E eu fico impressionada, porque dou-me conta do valor de método excepcional que tem o teu comunicado, porque tenho de partir daquilo que vejo, e o que vejo é que naquela turma está em acto uma experiência de amizade entre eles. Assim começamos a falar dos factos de Paris, e dou-me conta antes de mais que ler ao início a primeira parte do teu comunicado cria de imediato uma atmosfera de diálogo. Depois, diante de certos alunos que diziam: «É preciso enviar os aviões, matá-los todos» etc., os outros objectavam, mas objectavam compelidos a ter de partir daquilo que estavam a viver na turma. Isto fez-me impressão, porque poderá haver uma solução para o mundo que não tenha em conta a minha turma? Se não é verdadeira naquela turma, posso propor alguma coisa para o mundo? Era a pergunta que lhes fazia. Um aluno meu muçulmano, a certa altura, disse: «Professora, eu só sei uma coisa: em Saint Denis até poderão fazer-se explodir, mas eu, mesmo querendo não o poderia fazer, porque sou amigo do meu colega de carteira italiano e estou a fazer outra experiência. Talvez em Saint Denis não a façam». E então apercebi-me que é verdadeiro aquilo que representa uma possibilidade agora. Se não é uma possibilidade agora, é falso.

É diante destas coisas que devemos interrogar-nos sobre a consistência ou falta dela, sobre a possibilidade de se aguentar ou não, do método de Deus. Porque os testemunhos que ouvimos esta noite são factos, são pequenas flores que parecem nada, mas existem e desafiam a nossa mentalidade mais do que qualquer outra coisa. Por isso não devemos perder esta ocasião, porque a circunstância que nos encontramos a viver é uma oportunidade; como veem, a questão elevou-se do drama pessoal ao drama social; seria verdadeiramente uma pena perder esta oportunidade de aprender. Ontem foi publicada a transcrição duma entrevista radiofónica a um dos que estava no Bataclan, e esteve refém dos terroristas por duas horas e meia. A um dado momento, o jornalista pergunta-lhe: «O que é que aprenderam com esta coisa assim tão extraordinária que vos aconteceu?». «Que a vida está presa por um fio, e que é preciso ter-lhe apreço, e que não havia nada de mais sério do que o facto de que estávamos ainda vivos». «E o que é que aprenderam deles, dos agressores?». «Que precisavam de um ideal que o mundo ocidental em que viviam – dado que eram claramente franceses, exprimiam-se em francês – o mundo em que viviam não lhes oferecia. E encontraram um ideal mortífero, de vingança e de ódio e de terror [...]. Mas realizaram tarde demais que a vida era importante. E eu hoje posso dar-me conta que cada instante que passo com os meus familiares [...] é uma bênção. Os

simples momentos de uma vida fazem parte das coisas mais belas que podemos ter, e disto não nos damos conta senão quando nos acontecem o tipo de choques eléctricos como o que vivi. Tenho a impressão de ter nascido uma segunda vez e quero arranjar modo de fruir esta nova vida que me foi oferecida». Como nos dizemos, devemos sempre esperar que aconteçam estas coisas absolutamente dramáticas para nos redespertar, para nos darmos conta da realidade? É a pergunta que vem a todos nós; os factos de Paris redespertaram-nos do nosso torpor e fizeram surgir perguntas que não nos fazíamos há bastante tempo. É por isso uma oportunidade para nós este choque eléctrico que nos sacudiu a todos, como demonstra o medo, a desorientação e todas as coisas que ouvimos ou de que falámos estes dias. Uma oportunidade para o quê? Como diz aquela pessoa que sobreviveu à tragédia: para nos darmos conta do que é a vida, para a viver, nós e os outros, temos necessidade dum significado, de um ideal. Porque não há nada de mais sério que a vida e que estejamos ainda vivos. Aquilo que um instante depois, com todos os comentários, pomos de parte, é a coisa mais evidente: a vida está presa por um fio, dependemos instante a instante. São factos como este que despertam as perguntas; mas tomá-las a sério é uma decisão nossa, como nos dizia um nosso amigo parisiense: «Aqui a premência é a de restaurar a normalidade, quanto mais cedo melhor». Outros contaram-me de ocasiões em que grupos de pessoas evitam falar entre si porque assim não têm de discutir esta tragédia. Pode-se evitar falar ou pode-se aproveitar para estar diante dela deixando-se interrogar até ao fundo. Porque é quando se dá conta até que ponto a vida depende dum fio, que se descobre a própria impotência e que todos os comentários são tentativas impossíveis de construir uma ponte. E aqui surge a pergunta: as nossas tentativas recaem dentro dos comentários vazios do costume ou o que nos aconteceu é duma natureza diferente? O que nos aconteceu faz parte deste nada dos comentários ou, ainda que pequeno, é de outra natureza? A centelha é de outra natureza ou não? Trata-se da primeira questão a esclarecer para nós mesmos. A nossa «companhia maltrapilha» é de outra natureza ou faz parte do mesmo nada? Em que é que o vemos? Que é doutra natureza vemo-lo nas coisas que nos contamos, como fizemos esta noite. Alguém poderia dizer que não são dadas as dimensões do drama. Mas também tudo o que conta o Evangelho era nada em relação aos grandes dramas do império romano! É aqui que o desafio chega ao seu cume. João e André ou Zaqueu ou Mateus ou a Samaritana: o que significavam em relação à estratégia militar romana? Do mesmo modo, diante da questão posta pelos atentados de Paris surge a pergunta: a centelha basta? A beleza desarmada é suficiente? Cada um deve fazer as contas com estas perguntas. Não devemos evitá-las. Porque só assim podemos verdadeiramente dar-nos conta da diferença. A nós que é que aconteceu? O que é que ilustram estes factos, estas pequenas flores, pequenas quanto queiram, mas que existem? O que documentam João e André? E o encontro de Zaqueu? Aparentemente nada, na realidade isto, tal como a amizade na turma entre o norte-africano e o italiano, é já o sinal da vitória que nenhuma guerra e nenhuma violência e nenhum stakhanovismo poderão gerar em nenhuma parte do mundo. Uma amizade. Aceitemos o desafio ao nosso obtuso pseudo-realismo! Porque a resposta às nossas perguntas não é uma resposta intelectual, não são razões abstractas; a nossa resposta, como foi para João e André ou para Zaqueu, é uma presença; a verdade é uma presença, que não nos dá todas as respostas, como para a criança a resposta às perguntas é a presença do pai, não que perceba todas as coisas que tem em redor: uma presença que tira o medo e então consente, com o tempo, que se perceba. Por isso uma circunstância assim põe-nos diante do método de Deus e esclarece, como emergiu do que ouvimos esta noite, o porquê de cantar ou de ir à escola ou de fazer um gesto de caridade, tudo coisas “normais” através das quais chega às pessoas a novidade de Cristo, sem esvaziar a fé do conteúdo histórico. Porque de outro modo a alternativa é: ou a guerra ou o desespero. Mas nós temos uma outra possibilidade, que não é igual a nada, que contradiz a nossa mentalidade que pensa que, se não acontece tudo aqui e agora, é uma derrota. Porque não temos o sentido do tempo! Quando São Paulo escreve a

carta a Filémon não derrota a escravidão, serão necessários séculos para abolir a escravidão, mas introduz um princípio, introduz uma verdade, faz nascer um rebento que no tempo verificar-se-á muito mais poderoso do que qualquer estratégia no mundo podia imaginar. Por isso aproveitar estas coisas, destas ocasiões, em que a nossa fé é posta assim à prova pela realidade, é fundamental. É fundamental porque não nos basta repetir frases, é preciso a verificação. Sem esta verificação não surgirá um sujeito à altura de desafiar aquele nada que não encontramos só em quem comete actos terroristas, mas por todo o lado. Só assim poderemos perceber qual é a nossa tarefa no mundo, o que estamos a fazer no mundo, pela graça que nos aconteceu. É um momento particularmente intenso para nós; esperemos não o desperdiçar.

A próxima Escola da Comunidade terá lugar no dia 16 de Dezembro, às 21:00. Continuamos a trabalhar sobre a segunda parte do *Reconhecer Cristo*, da página 75 à página 88 do Livrinho dos Exercícios.

Discurso do Papa em Florença. Querendo dar a conhecer a todos o Discurso do Papa ao Congresso nacional da Igreja Italiana em Florença, fizemos um pequeno panfleto desdobrável adaptado à impressão, que se pode descarregar do site do CL. Tenham presente que hoje o papel não é a única modalidade para difundir um texto, como vimos: um email pode chegar a tanta gente. Por isso usemos todos os meios que temos à disposição para o difundir, incluindo os sociais. É um discurso fundamental, porque é o testemunho de alguém que acredita no método de Deus. E talvez nos convenha aprender a acreditar neste método!

Num recente diálogo com os responsáveis das várias regiões emergiu com clareza a importância na vida do movimento de dois grandes instrumentos que quero sublinhar de novo a todos.

Escola da Comunidade. Antes de mais a necessidade de um lugar sistemático no qual a vida pode ser ajuizada constantemente, como estamos a fazer esta noite: os problemas, as dificuldades, os factos que acontecem. A questão é que a Escola de Comunidade se torne mesmo um lugar que ajuíza a vida, onde não se fala de outra coisa, onde não se fazem comentários; e dos problemas da vida fala-se noutra sítio. É o lugar onde podemos ver o que significa a fé, de que modo é que o encontro com Cristo ilumina tudo, não resolve todos os problemas, como desejaríamos de acordo com o nosso modo obtuso de pensar, mas ilumina a vida e oferece-nos uma razão adequada para fazer as coisas, sem alarmismos e sem nos deixarmos levar. Porque é só quando temos esta consciência que podemos conseguir ver o que é preciso fazer. Não é que dizer as coisas que dizemos no comunicado exclua as outras, mas ajudam-nos a perceber aquilo que é preciso fazer partindo daquela atitude, como sempre nos dissemos e como nos disse Giussani: Cristo não veio para nos resolver os problemas, mas para nos colocar na atitude justa para os enfrentar. Parece nada, mas é tudo. E é para aprender. Só assim podemos, depois, acompanhar as pessoas nas dificuldades que têm. O que é que existe de mais concreto do que este trabalho de Escola de Comunidade?

Caritativa O segundo grande instrumento nasce da pergunta sobre como é que podemos aprender a dar-mo-nos conta da nossa verdadeira necessidade e da necessidade do outro, tal como foi intensamente lembrado pelo Papa em Florença na semana passada, tao actual para o Ano da Misericórdia e para os factos que estamos a viver. É esta a razão pela qual a nossa amizade nos propõe o gesto da caritativa. Grandes e pequenos, interroguemo-nos seriamente: eu que gesto de caritativa vivo? O que é que a minha comunidade propõe? Devemos perguntá-lo exactamente para não esvaziar o facto cristão da sua densidade histórica, porque

através destes gestos passa, como vemos tantas vezes, o olhar novo que Cristo introduziu no mundo. Há duas advertências a ter presentes. A primeira é que, nos lugares onde andamos (pode ser o centro para deficientes, mais do que o hospital ou a prisão ou o apoio pós escolar), respeitemos as indicações dos responsáveis daquele lugar sobre as necessidades e a modalidade de fazer a caritativa. Se num centro de deficientes nos dizem que precisam de nós num determinado dia e numa determinada hora, temos que decidir se podemos ir ou não; mas não decidimos nós o dia e a hora, porque estamos a responder a quem guia a obra. Porque isto é responsabilidade deles: guiar a obra e nós vamos colaborar para perceber a necessidade que temos. A segunda é que a comunidade é o lugar onde nos ajudamos a ajuizar o significado e a experiência que cada um de nós faz na caritativa, fazendo talvez uma vez por ano assembleia sobre isto.

Digo isto agora porque nos esperam alguns gestos importantes de caridade: o Banco Alimentar e as Tendas da AVSI. Depois de os termos vivido podemos também fazer um encontro perguntando-nos: o que é que significaram para nós o que é que aprendemos ao fazer estes gestos? Podemos perceber assim o sentido da caritativa, como nos ensinou *don* Giussani, que como veem é útil quer para os pequeninos quer para os grandes.

Sábado 28 de Novembro terá lugar o Dia nacional de recolha do Banco Alimentar. Gratos por tudo o que o Santo Padre disse dia 3 de Outubro passado na audiência ao Banco Alimentar, desejamos fazer experiência disto convidando os amigos a envolverem-se connosco neste gesto. É importante aproveitar este ano o facto de que o Papa tenha dito coisas muito bonitas para podermos difundir o seu discurso aos outros amigos com os quais fazemos o Banco, porque se nós não cuidarmos do seu aspecto educativo, não poderá durar.

Recordo-vos que o gesto das Tenda da AVSI este ano é todo em benefício dos refugiados, como já tinha sido referido na vez passada.

Manifesto de Natal. Ei-lo aqui! Kandinsky! *Linha curva livre em direção a um ponto*. É uma surpresa, como veem, que baralha todos, que fixa a atenção sobre aquele ponto de onde nasce tudo. A imagem é para nos ajudar a olhar para ali, para aquele “ponto” decisivo para cada um de nós. Os textos são estes: o primeiro é do Papa Francisco: «Por ti, por ti, por ti, por mim. Um amor ativo, real. Um amor que cura, perdoa, levanta, cuida. Quando Jesus entra na vida de uma pessoa, ela não fica detida no seu passado, mas começa a olhar o presente de outra forma, com outra esperança. Começa a olhar com outros olhos para si mesma, para a sua própria realidade. Não fica enclausurada no que aconteceu. E, se em determinados momentos nos sentimos tristes, estamos mal, abatidos, no Seu olhar todos podemos encontrar espaço». O segundo é de *don* Giussani: «Deus, o destino, o mistério, a origem de todas as coisas, tornou-se um rosto humano: assim Deus apareceu no mundo. Quem o encontrava dizia “Ninguém jamais falou como este homem”, ou “Este homem, sim, é que fala com autoridade”. Deus, o mistério, o destino feito homem, torna-se presente agora a mim e a ti, e a todos os homens que são chamados a vê-lo e a dar-se conta, num rosto: um rosto humano novo com o qual nos embatemos».

Veni Sancte Spiritus